2

A favela da Rocinha

De forma geral, recaem sobre as favelas estereótipos e estigmas que, impondo barreiras a uma visualização mais próxima da realidade, dificultam que enxerguemos o que existe além da pobreza, criminalidade e tráfico de drogas nestas localidades (VERGNE, 2002). Por morarmos no chamado “asfalto” carioca, uma aproximação **não etnocêntrica** da experiência das crianças que vivem na favela da Rocinha surge como questão imprescindível.

Nosso primeiro esforço neste sentido foi realizar uma investigação sobre a favela em questão, demarcando aspectos de sua origem e realidade atual. Para tanto, foi imprescindível, inicialmente, realizar um estudo que buscou uma compreensão histórica da situação das favelas cariocas, sua população e práticas.

2.1

Raízes sócio-históricas das favelas do Rio de Janeiro

No final do século XIX, o Brasil passou da Monarquia à República, cujo projeto de modernidade envolvia a urbanização das principais cidades brasileiras, especialmente do Rio de Janeiro – capital da recente República (CARVALHO, 2003).

Porém, como aponta Nóbrega Junior (2007), a cidade carioca apresentava dois importantes empecilhos ao ideal republicano de colocar o Brasil entre o seleto grupo de nações “civilizadas” da época: a questão sanitária e de habitação popular, fonte de diversos conflitos sociais.

Desde o século XVIII, o Rio de Janeiro atraiu um grande contingente de migrantes e imigrantes que, somados à mão-de-obra escrava liberta pela abolição da escravidão em 1888 e à industrialização do começo do século XX,

contribuíram para um grande aumento populacional na cidade, sem que a mesma oferecesse crescimento proporcional de habitações populares.

Esta combinação, associada ao descaso do poder público, resultou em uma grave crise habitacional no início do século XX, cujos resultados, entre outros, envolveram a superlotação e consequente precariedade/insalubridade das casas de aluguel: os chamados cortiços.

Por ocuparem o centro da paisagem da cidade, estas habitações coletivas foram “os alvos preferidos da ‘ação modernizadora’ da República” (NÓBREGA JUNIOR, 2007, p. 20), que as responsabilizavam pelo atraso social, epidemias e a maioria dos males da cidade – devido à teoria higienista, adotada por médicos e “letrados”, que associava doenças à pobreza e, conseqüentemente, aos cortiços.

Entretanto, os espaços populares não eram identificados apenas como fonte dos males e doenças da cidade, mas também como produtores dos desajustados sociais: as pessoas perigosas, como criminosos, vadios, prostitutas (estereótipos consolidados por eventos como a Revolta da Vacina, na qual a população pobre carioca tomou as ruas).

Para alcançar uma “limpeza urbana”, o Estado - apoiado pelas elites - erradicou as habitações populares da área central da cidade. Porém, os interesses da especulação imobiliária em uma repartição espacial burguesa são apontados por diversos autores, tais quais Nóbrega Junior (2007), como a maior motivação para esta política de erradicação dos cortiços.

Segundo alguns historiadores, o prefeito Barata Ribeiro permitiu que as pessoas construíssem barracos em um morro (o Morro da Providência - localizado atrás dos cortiços demolidos), utilizando os materiais dos escombros (BENCHIMOL, 1990). Por volta de 1893, este foi chamado de morro da Favela, nome que passou a ser utilizado para identificar os conjuntos de habitações similares, que se multiplicariam pelo Rio de Janeiro ao longo de todo o século XX.

O trabalho de Barata Ribeiro foi continuado por Pereira Passos, prefeito que, apoiado pelo Clube de Engenharia e pelos médicos higienistas, despejou ao menos 20 mil pessoas de suas moradias originais, demolindo centenas de casarões, em uma das maiores intervenções que o centro da cidade carioca já presenciou. Esta que ficou conhecida como a Reforma Passos, almejou apenas retirar os pobres das áreas urbanas mais valorizadas, não solucionando o problema das habitações populares: “Parecia que, para os homens da Reforma Passos, o povo era invisível.” (LESSA, 2000, p. 296).

Cada qual teve que tratar como individual um problema que deveria ser uma preocupação do Estado. Desta forma, intensificou-se a ocupação dos morros cariocas: terminava a era dos cortiços e iniciava-se a das **favelas**.

Como afirma Ventura (2004), esta política de exclusão que buscou civilizar o Rio de Janeiro continuou sendo realizada, tendo resultado em uma cidade partida, configurando-se uma espécie de *apartheid* social.

Desde o começo do século XX, a polícia e os setores mais abastados da população enxergavam nos morros uma ameaça perigosa: a moradia de criminosos. Ou seja, a favela é vista como um problema urbano desde o seu nascimento, o que não a impediu de crescer ininterruptamente (ZALUAR & ALVITO, 2004).

Segundo Silva & Barbosa (2005), na época a lei classificava como “vagabundo” o indivíduo que não possuía domicílio certo. Por motivos como a ocupação de terrenos de terceiros, as casas das favelas eram consideradas residências provisórias, fator que contribuía para construção do estigma do favelado.

Devido à imagem extremamente negativa das favelas - a “praga social” que sujava a beleza da cidade maravilhosa - a partir de 1960 foram lançadas políticas para removê-las. Desta forma, entre a década de 1960 e 1970, cerca de 140 mil favelados foram transferidos à força para precários conjuntos habitacionais, localizados em áreas distantes (PERLMAN, 2004).

Porém, como nos lembra Silva & Barbosa (2005), a partir da década de 1950 a favela passa a ganhar cada vez maior interesse da imprensa, da academia e do Estado. Devido a movimentos como a efetiva organização dos moradores, a frequente presença de políticos em busca de votos e a volta do populismo, a favela se estabelece como importante fenômeno social.

Vergne (2002), embora também destaque a crescente visibilidade das favelas - tema de debates de diversas ordens -, demarca que estas continuam sendo um alvo fácil de estereótipos e estigmas que “embaçam” uma concepção mais próxima da realidade.

Zaluar & Alvito (2004) apresentam preocupação similar, pontuando que, oficialmente registrada como área urbanamente precária e de habitações irregularmente construídas, a favela está associada à falta, à pobreza, ao crime, assim como também, por outro lado, ao samba e às festas populares. Porém, percebemos que a favela não consiste apenas destas poucas facetas estereotipadas: nela revela-se a existência de fenômenos que não se esgotam em estreitas definições.

Ludemir (2004), por exemplo, afirma que a "teia de relações" entre favela e "asfalto" é dúbia, sutil e não possui regras que caibam em explicações simplistas. Na relação da cidade com a favela, muitas vezes há o predomínio da busca por pessoas unificadas. Ou seja, há que se prestar atenção para enxergar o que o autor denomina de "zonas cinzentas" da Rocinha e de seus moradores, repletos de ambiguidades, códigos de conduta particulares, verdades incômodas e práticas muitas vezes criativas.

2.2

Como tudo começou: surge a Rocinha

Entre o morro Dois Irmãos e a Floresta da Tijuca havia uma extensa fazenda, loteada pela Companhia Castro Guidon, em 1927. Grande parte destes lotes foi adquirida por imigrantes estrangeiros e transformada em sítios que, por

produzir e comercializar frutas, legumes e vegetais, começaram a ser chamados de Rocinha. Desta forma foi batizada uma das maiores favelas da América Latina (MAIA, 2008).

Operários de indústrias têxteis da Gávea e Jardim Botânico também iniciaram o povoamento desta localidade. Entretanto, foram os migrantes nordestinos que intensificaram sua ocupação, depois que a Estrada da Gávea adquiriu luz elétrica e asfalto, na década de 1930 - êxodo nordestino que ocorre até os dias atuais.

Em 1940, a Rocinha atraiu muitos migrantes do próprio Estado e também de São Paulo, devido à crise da cafeeira. A favela atraiu também diversas pessoas que trabalhavam na Zona Sul (região na qual se concentrava o mercado de trabalho) e que moravam na Baixada Fluminense, gastando longo tempo para se deslocar diariamente de casa ao trabalho. Devido a essa procura por casas na Rocinha, na mesma década iniciaram-se as locações de imóveis na região: diversos moradores construía ou compravam casas para alugar, complementando suas rendas e fazendo a Rocinha crescer.

No final da década de 1960, iniciou-se o crescimento da cidade na direção da Barra da Tijuca, através da construção do túnel Dois Irmãos e da autoestrada Lagoa-Barra, e a oferta de trabalho nas adjacências aumentou, fato que foi atraindo cada vez mais habitantes para a favela.

Na década de 1970, os movimentos sociais chegaram ao Brasil e, conseqüentemente, à Rocinha, auxiliando a promoção de seu desenvolvimento através de reivindicações que trouxeram, nos anos 80 e 90, escolas, creches, centros comunitários, o Centro de Saúde, o Núcleo da CEDAE e a Região Administrativa da favela. Após visitarmos brevemente as origens da Rocinha, apresentaremos aspectos atuais da favela.

2.3

Rocinha de hoje: aspectos de um ambiente complexo

Cerca de 454.000 metros quadrados: esta é a área ocupada pela Rocinha, localizada na Zona Sul carioca, mais especificamente na encosta dos morros Dois Irmãos e Laboriaux, abrangendo a parte mais baixa da autoestrada Lagoa-Barra e se expandindo até pontos mais altos, margeando a Estrada da Gávea (LEITÃO, 2007).

Gávea e São Conrado são os dois bairros - das elites cariocas - que constituem a vizinhança imediata da favela. Desta forma, é acentuada a percepção da desigualdade social de nosso país, que reúne, em um mesmo trecho, o “precário” e o “luxuoso”, fato tornado ainda mais concreto por se localizar a frente da Rocinha um sofisticado *shopping center*, que reúne algumas das mais caras lojas do Rio de Janeiro.

Certos dados comparativos permitem-nos perceber as disparidades que convivem lado a lado na cidade carioca. Por exemplo, com relação à escolaridade, 20% da população da Rocinha não sabem ler nem escrever, sendo que somente 2% frequentaram cursos universitários. Já entre os moradores da Gávea, apenas 2% apenas são analfabetos e 50% possuem ensino superior. Em média, os moradores da Rocinha completaram quatro anos de estudo e 25% das crianças não estudam.

Nesta favela, 41% dos moradores ganham um salário mínimo por mês, sendo a renda média mensal de R\$214,00. Quanto à expectativa de vida, “A taxa de mortalidade infantil na Rocinha é cinco vezes mais alta do que na Gávea. Os moradores desse bairro vivem, ainda, em média, 13 anos a mais do que aqueles que vivem na Rocinha” (LEITÃO, 2007, p. 138).

O site oficial da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro³ disponibiliza algumas outras importantes informações sobre a Rocinha. Data do dia 18 de junho de 1993 o Decreto de Criação do bairro da Rocinha - Decreto Municipal 601/95. Através deste, **legalmente** esta localidade deixa de ser favela para se tornar um bairro carioca, o que atraiu alguns investimentos e empreendimentos.

³Disponível em: <http://portalgeo.rio.rj.gov.br/bairros Cariocas/>. Acesso em novembro de 2010.

Porém, trata-se de uma mudança que insiste em ficar mais no papel do que na realidade, uma vez que a Rocinha continua mantendo as características de uma favela. Neste sentido, de forma geral, a cidade - inclusive os moradores da Rocinha - referem-se a ela como favela, sem ao menos ter conhecimento do Decreto Municipal de 1993. Como o termo “favela” engloba a realidade desta localidade mais do que o termo ‘bairro’ (e também pelo fato das meninas participantes de nossa pesquisa de campo referirem-se e sentirem como favela o local onde moram), ao longo de toda esta pesquisa referimo-nos à Rocinha como favela.

Segundo o Censo /2000 (IBGE), sua área territorial comportava 143,72 hectares. Em 2001, as áreas urbanas da Rocinha correspondiam a 36,50% de seu território. A localidade comporta três Escolas Municipais, que no ano de 2006 mantinham 2.576 alunos matriculados.

Com relação à população, fontes diversas oscilam entre os números de 45 mil e 200 mil habitantes (LEITÃO, 2007). Maia (2008) pontua que, com base nos aproximados 27.000 relógios medidores instalados pela Light, o cálculo feito informa cerca de 160.000 habitantes. A Associação de moradores da Rocinha estipula que sua população é de, aproximadamente, 200.000 pessoas. Já um censo realizado pelo Governo do Estado em 2008, contabilizou um total de 100.818 habitantes⁴. O fato é que, entre diversos números, fica difícil saber ao certo a população desta localidade, mas de qualquer forma, trata-se de um elevado número de habitantes.

Segundo matéria⁵ do portal oficial da Rocinha, *Rocinha.ORG*, apesar de ter perdido o posto de maior favela do Brasil, contando sua população, sustentabilidade, qualidade de vida, comércio e desenvolvimento de forma geral, a Rocinha continua sendo, senão a maior, uma das maiores favelas do mundo.

⁴ Disponível em:

http://odia.terra.com.br/portal/rio/html/2009/7/numeros_do_censo_da_rocinha_impressionam_24005.html. Acesso em setembro de 2009.

⁵ Disponível em:

<http://www.rocinha.org/noticias/view.asp?b=13070D605E50465F4753425E52495E5A5B4356595A5B11A9CA7D930669D9FCD2962947E63185FF61&id=202>. Acesso em janeiro de 2011.

Estes dados oferecem uma visão objetiva da Rocinha, mas quando a observamos de perto, reparamos inicialmente o que o IBGE define como favela: um “aglomerado subnormal”, com construções que parecem desafiar as leis físicas, assim como ligações elétricas clandestinas emaranhadas e encanamentos expostos.

Outra imagem que imediatamente se impõe ao olhar quando se está na Rocinha é o movimento nas ruas, sempre cheias de pedestres, carros, motos ou até caminhões. Diversas calçadas também apresentam lotação, principalmente de comerciantes que expõem seus produtos, o que muitas vezes obriga o pedestre a transitar entre os veículos. Porém, como podemos perceber através de reportagem do jornal eletrônico O Estadão⁶, as disputas de espaço entre automóveis e pedestres ocorrem em poucos trechos, pois apenas 7,5% das ruas são capazes de receber automóveis – o que, por outro lado, dificulta o acesso dos moradores a seus lares e aos diversos serviços que necessitam.

A Via Ápia - denominada por Maia (2008) como o “centro nervoso da favela” - é o local mais movimentado da Rocinha, onde a qualquer hora é possível observar pessoas passeando, vendendo e comprando diversos tipos de mercadorias, entre as quais drogas, também consumidas no próprio local.

A riqueza de sons é outra característica marcante desta favela, somando barulhos de buzinas, vendedores anunciando seus produtos, carros de som, crianças brincando, música e anúncios veiculados pela rádio comunitária.

O espaço público, além de intensamente sonoro, é rico em cheiros que variam dos agradáveis, como os aromas de comida dos ambulantes ou bares, aos mais desagradáveis, provenientes das valas das quais os moradores tanto reclamam, aspectos da **violência estrutural**, ou seja, da precariedade das condições de vida, do acesso a direitos básicos.

Nesse sentido há também todas as limitações do saneamento básico, por exemplo. Na maior parte das ruas não existe rede de esgoto e apropriado abastecimento de água: 60% da população não contam com esgotamento sanitário

⁶ Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/cidades,populacao-da-rocinha-cresce-80-em-nove-anos-aponta-estudo,404367,0.htm>. Acesso em janeiro de 2011.

adequado. Porém, há determinadas áreas que apresentam razoável infraestrutura, possuindo esgotamento sanitário, vias pavimentadas, abastecimento de água e iluminação (LEITÃO, 2007).

A rede de assistência médica também é uma queixa entre os moradores: embora clínicas privadas (algumas sofisticadas, inclusive) estejam na comunidade há alguns anos, falta qualidade no atendimento médico público.

Um levantamento realizado em 2002 apontou aproximadamente 63 ONGs na Rocinha (MAIA, 2008). Apesar da visibilidade desta comunidade, que atrai tantos projetos sociais, ajudando em diversos níveis sua população, Ludemir (2004) destaca a ação dos próprios moradores, que marcaram a história desta favela. Por exemplo, através de mutirões, valas foram limpas e barracos de madeira transformados em casas de alvenaria, união através da qual a Rocinha escapou à política de remoção da ditadura militar na década de 1970 e, após poucas décadas, conquistou o decreto de bairro, o que atraiu investimentos públicos e privados que melhoraram seu aspecto urbano e social nas últimas décadas.

A volumosa quantidade de projetos sociais existentes na Rocinha prova que, apesar da posição de alguns cientistas sociais, a comunidade não vive uma “narcoditadura”.

[...] ali dentro duelam, nos limites do jogo demográfico, forças como a prefeitura, a universidade, as ONGs, as igrejas e até mesmo a imprensa, já que, além da visibilidade da Rocinha na grande imprensa, ela tem seus próprios jornais, rádios comunitárias e até mesmo uma estação de televisão, a TV FAVELA (LUDEMIR, 2004, p. 328).

Mas, embora não seja dominada pelo tráfico, ele é um de seus principais atores.

Com relação à estratificação social, podemos afirmar que a Rocinha apresenta classes diversas: moradores que vivem abaixo da linha de pobreza, mas também pequenos empresários, comerciantes, proprietários de imóveis alugados, prestadores de serviço, uma população de classe média baixa que ascendeu com o desenvolvimento da favela e não pretende mudar-se. Outros tantos desta classe emergente, entretanto, ao melhorarem de condição econômica, saíram da Rocinha,

almejando maior segurança longe da violência do tráfico e da polícia (MAIA, 2008).

Segundo Ludemir (2004), seu desenvolvido comércio e relativamente forte economia caracterizam a singularidade desta localidade, mais do que sua densidade e diversidade demográfica. Consequentemente, a Rocinha é a favela do Rio de Janeiro menos dependente do tráfico de drogas, apesar de ter a maior *boca de fumo* da cidade.

Os moradores da Rocinha, que conta com aproximadamente 1500 estabelecimentos comerciais, afirmam com orgulho que cada vez menos precisam sair da favela para comprar o que necessitam (LEITÃO, 2007). Tais estabelecimentos consistem, na maioria, de micro e pequenas empresas, embora algumas de grande porte também tenham se estabelecido na comunidade, devido a linhas especiais de financiamento. Trata-se de lojas de vestuário, calçados, móveis, papelarias, mercearias entre outros.

“Bancos, restaurantes, joalheria... Rocinha é favela de luxo”: este é o título de uma reportagem⁷ da *Rocinha.ORG*. O comércio da localidade também conta com uma franquia da lanchonete *Bob's*, diversos botequins que se equiparam aos bares da zona sul carioca e até um restaurante japonês. "Não dá para comparar a Rocinha com nenhuma outra favela do Rio, pois aqui as pessoas são livres e não precisam sair daqui para nada", afirma o morador e líder comunitário Telmo Barros.

Entre os diversos restaurantes e pensões, alguns inclusive ganham destaque na mídia, como é o caso da Pensão Visual:

O restaurante com a melhor vista do Rio é a Pensão do Visual, na favela da Rocinha. É freqüentado por turistas estrangeiros e, há duas semanas, recebeu o cineasta paulista Fernando Meirelles, que filmava por lá. O “prato feito” de arroz-feijão-bife-e-salada custa R\$ 7 e é bom. O visual da Pensão não tem outra cotação: sensacional.⁸

⁷ Disponível em: <http://www.rocinha.org/rocinhanarede/view.asp?id=2351>. Acesso em janeiro de 2011.

⁸ Jornal O Globo, 30 de agosto de 2009.

A rede comercial e de serviços da favela conta ainda com cooperativas de vans, *Lan Houses*, três agências bancárias, quatro linhas de ônibus, uma casa de show, um posto de saúde, clínicas privadas, *mini shopping* etc (MAIA, 2008).

Uma das principais empresas de serviço, os mototáxis (que em alguns pontos chegam a ter 100 motos) representam um negócio de grande lucro, justamente pelo supracitado aspecto da Rocinha: a maior parte de suas ruas e vielas não comporta carros.

O lazer é também uma grande indústria, que conta principalmente com a casa noturna Rocinha's Show, importante empreendimento econômico, além de símbolo da comunidade. O público - composto por jovens da favela e do "asfalto" - chega a alcançar o número de 3 mil por noite. Há ainda diversas festas, como os famosos bailes *funk* produzidos por equipes especializadas em eventos, como o "Furacão 2000", ou mesmo pelo tráfico, assim como forrós, pagodes e ensaios na quadra de sua própria escola de samba - "Acadêmicos da Rocinha"- criada nos anos de 1980.

Nas casas noturnas de espetáculos, renomados artistas da MPB já se apresentaram. As ruas da favela, que não possui um Teatro, muitas vezes são palco de grupos de atores amadores. Na praça principal, cantadores nordestinos propagam seus versos. Ou seja, há cultura em toda parte.

Uma Rádio FM também foi inaugurada há alguns anos na Rocinha, orgulhando mais uma vez a comunidade, o que também ocorreu em relação ao sistema de TV a cabo popular implementado, conectando a Rocinha aos acontecimentos do mundo todo. Pela assinatura, o morador paga um preço muito abaixo do que se convencionou pagar no resto da cidade.

TV ROC: Rocinha já tem a sua TV por assinatura com 33 canais, [...] permitindo a melhoria da imagem e som, oferecendo, além dos canais convencionais, filmes inéditos, desenhos, esportes, noticiários, documentários, etc., 24 horas no ar. Os moradores da Rocinha terão em seus lares a mesma informação e espetáculos que as cidades mais avançadas do mundo ⁹.

⁹ Jornal Correio da Zona Sul, fevereiro de 1998.

Um fenômeno bastante comum nas favelas cariocas, conhecido como “net-cat” ou “gato-net” também ocorre na Rocinha. Como afirma Nunes (2007), geralmente estes serviços ilegais são ofertados por moradores que conseguem

pagar a assinatura e disponibilizam a NET (TV por assinatura) para os demais, a partir de uma central clandestina e improvisada. Com uma suave mensalidade, outros indivíduos também têm acesso à programação.

O turismo na Rocinha é outro setor que vem, ao longo dos anos, crescendo significativamente, ao ponto da comunidade ter se tornado o terceiro ponto turístico mais visitado da cidade (LUDEMIR, 2004). Diariamente, dezenas de turistas sobem o morro em *jeeps*, andam em becos, sobem lages, se esquivam das armas de traficantes, em uma experiência que equipara-se a um safári, no qual eles filmam e fotografam cada evento (MAIA, 2008). Tais visitantes, principalmente estrangeiros, buscam conhecer as belezas da natureza, as peculiaridades do urbanismo e o estilo de vida dos moradores.

A intensa atividade comercial só pode ser equiparada ao movimento da construção civil: a favela parece um permanente canteiro de obras, tantas são as edificações sendo erguidas e, principalmente, ampliadas (LEITÃO, 2007).

Até a década de 1950, uma grande área da Rocinha ainda não estava ocupada, havendo muita vegetação entre os barracos ou até mesmo animais (por vezes de grande porte), visto que muitos moradores eram de origem rural. Mas, com o intenso processo de ocupação desta localidade, tais espaços foram tornando-se cada vez mais raros (MAIA, 2008).

Após as construções de casas e barracos preencherem rapidamente os espaços de chão desocupados, hoje a favela “cresce para cima”, através do fenômeno da “verticalização das moradias”. Ou seja, quando as famílias aumentam, devido à falta de espaço e de recursos financeiros para adquirir outra casa, são construídos andares para abrigar netos, genros etc. Atualmente, a maioria das casas possui ao menos dois andares (LEITÃO, 2007; MAIA, 2008).

É notável que, apesar da relativamente forte economia, ampla rede de comércio e serviços, a Rocinha ainda precisa garantir maior qualidade de vida a

seus moradores. O ano de 2010 trouxe algumas melhorias neste sentido. Com o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC, que investiu aproximadamente R\$ 231,2 milhões na favela) lançado pelo governo Lula, obras diversas foram realizadas para que esta localidade seja cada vez mais um bairro não apenas no papel, mas na realidade. O campo de prática deste trabalho foi realizado antes da conclusão de tais obras, portanto o impacto destas na vida das crianças participantes da pesquisa não foi contemplado, porém trata-se de melhorias que vão de encontro à diminuição da violência estrutural na favela, aumentando a qualidade de vida dos moradores.

No dia 8 de março de 2010¹⁰, o presidente Lula e o governador do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral, inauguraram o Complexo Esportivo da Rocinha (que oferece diversas atividades esportivas aos habitantes da Rocinha), o Centro de Atendimento à Saúde (CAS), que abriga a Unidade de Pronto-Atendimento (UPA) 24 Horas, a Clínica da Família e o Centro de Atenção Psicossocial. No dia 28 de junho, o governador inaugurou uma passarela que liga o Complexo Esportivo da Rocinha à favela. Oscar Niemeyer assinou a estrutura, cuja extensão é de 60 metros e as curvas similares as do Arco da Apoteose, no Sambódromo. A passarela integra o processo de remodelação da entrada da comunidade (que também incluiu a pintura de algumas casas) - um dos projetos do PAC.

O Parque Ecológico da Rocinha (que está quase sendo inaugurado) é outro projeto do Programa de Aceleração do Crescimento. Construído em uma área conhecida por Dionéia, no alto da favela, este espaço conta com café, anfiteatro, quadras, hortas comunitárias, mirantes e redódromo (uma área de descanso, com redes)¹¹. Provavelmente, os projetos do PAC terão continuidade no novo governo, da presidente Dilma Rousseff, e continuarão trazendo para a Rocinha alguns recursos necessários a fornecer cada vez maior cidadania e dignidade a seus moradores.

¹⁰ Disponível em: <http://www.jusbrasil.com.br/politica/4617369/rocinha-comemora-entrega-das-primeiras-obras-do-pac>. Acesso em janeiro de 2011.

¹¹ Disponível em: <http://rocinha.org/obrasdopac/view.asp?id=2181> Acesso em janeiro de 2011.

Embora reconheçamos todo um movimento que vem alavancando a qualidade de vida nesta favela, é impossível esquecermos que o contrato social é constantemente rompido com a volumosa população desta localidade através de cruel violência estrutural a que estão submetidos e aonde há décadas polícia e traficantes tecem práticas de extrema violência criminal, expondo diretamente a vida dos moradores.

2.4

Violência na favela: confinamento? Enclausuramento?

Dimenstein et al. (2005), destacam como alguns dos principais problemas enfrentados pelas populações que moram em favelas cariocas a pobreza, a escassez de equipamentos sociais suficientes e a **violência**.

Primeiramente, como já pudemos observar, destaca-se a questão da **violência estrutural**:

[..] os mecanismos pelos quais o Estado, em seus diferentes níveis e poderes, restringe o acesso da grande maioria da população aos direitos básicos que lhe proporcionariam uma vida digna, gerando assim um grave quadro de exclusão social (NETO & MOREIRA, 1999).

Marcada por esta violência estrutural, a favela é um local onde há pouca presença do Estado e ação dos órgãos públicos de infraestrutura, o que aliado ao crescimento desordenado, estimula a existência do crime organizado, o que modifica todas as relações que nela se dão. Os traficantes lançam mão de práticas violentas para controlar e impor seu poderio no local - Dowdney (2003) denomina “reciprocidade forçada” a relação existente entre os traficantes e os moradores das favelas, demarcando o uso da violência -, assim como para fins de confrontos com a polícia.

Neste sentido, a facção dominante do tráfico na favela opera uma série de regras, como a “lei do silêncio”, através da qual os moradores precisam silenciar as condutas que assistem os traficantes realizarem. Ludemir (2004) destaca o fenômeno conhecido na favela como “a voz do povo é a voz de Deus”, a partir do qual boatos, ou até suspeitas de que moradores falaram o que não deveriam sobre

os traficantes, podem correr a favela e ganhar status de verdade. Como resultado, os envolvidos podem ser condenados pelo tráfico através de sanções diversas, que podem incluir a morte. Percebemos, em práticas como esta, a amplitude do controle que o narcotráfico efetua em uma favela.

O poder e violência associados ao tráfico de drogas nas favelas cariocas encontram algumas de suas principais raízes na violência estrutural, ou seja, remontam um longo histórico de crônico desemprego em massa, aliados à insuficiência de recursos públicos para aplicação nestas localidades, contexto que a globalização apenas intensificou. Diante deste cenário, uma parte de seus moradores insere-se nesta atividade ilícita, mas a maioria sofre sua dominante e violenta ação, tendo ainda que lidar com o estigma de criminoso que carrega apenas por morar em uma favela (GOMES, 2003).

Mas, como destaca Baía (2006), o mosaico urbano carioca, a beleza e o caos, o legal e o ilegal, o legítimo e o ilegítimo dividem espaço nas favelas cariocas - como a Rocinha, por exemplo - em uma convivência mútua:

A riqueza, o prestígio e a modernidade convivem e se nutrem da indigência, da exploração do trabalho, da corrupção e do extermínio dos invisíveis, desvalidos e indigentes e/ou mártires e heróis da resistência popular. Na Baixada Fluminense e nas favelas do Município do Rio de Janeiro, observamos as dinâmicas bélicas e as estratégias de sobrevivência e reconhecimento de novos Canudos, Balaiadas e Contestados (p. 36).

Em reportagem do Jornal O Globo¹², temos um pequeno exemplo do quanto a ação dos traficantes por vezes torna o espaço da favela um território de verdadeiro confinamento. A escola Municipal Abelardo Chacrinha Bueno, localiza-se no alto da Rocinha e, após o período de chuvas intensas na cidade em abril de 2010, foi interditada pela prefeitura, por estar em uma área de alto risco de deslizamento de terras. Portanto, por algum período, passou a funcionar de forma improvisada em um andar do prédio de outro colégio. Porém, por ordem do chefe do tráfico na região – Antônio Bonfim Lopes, conhecido como “Nem” – os profissionais foram proibidos de retirar qualquer material da antiga escola (especula-se que o traficante tinha interesses imobiliários no local). Como afirma

¹² “Educação sob pressão do tráfico – Profissionais de escola da Rocinha são proibidos de tirar materiais da unidade”, 8 de maio de 2010.

Leitão (2007), os moradores da Rocinha tristemente admitem o poder (e também a violência) desta atividade na comunidade.

Mas esta não representa a única fonte de práticas violentas: além de sofrer com a brutalidade advinda da venda de drogas, a população da Rocinha sofre com a relação com a polícia, historicamente marcada por ameaças e não proteção. Nas famosas operações que fazem nas favelas, grande parte dos policiais recorre à violência ao invés de desdobrar investigações prudentes. Cano (1997) mostra-nos que, ao longo da história, o comportamento da polícia nestes locais é extremamente violento e invasivo, gerando sua imagem negativa nestas localidades. Desta forma, ao policial são dirigidos sentimentos como medo e ódio.

A violência vivenciada cotidianamente em função do narcotráfico e da polícia dá lugar a uma espécie de retraimento da vida social na favela, certo confinamento, deixando a impressão de que “os espaços de circulação social da população pobre estão se fechando cada vez mais” (ZAMORA, 1999, p. 5). Neste sentido temos Carvalho (1994), autora que atribui à violência gerada pelo tráfico, o encarceramento privado de milhões de moradores das favelas cariocas.

Para realizar uma discussão um pouco mais ampla sobre tal questão, precisamos recorrer a outros aspectos da vida contemporânea. Aliada a esta violência existente nas favelas, que gera o “medo do real”, Zamora (1999, p. 186-187) nos lembra que, nas últimas décadas, uma:

[...] produção serializada de subjetividades, realizada principalmente pela mídia, com a exacerbação do consumismo, vem constituindo o modo de ser e de viver das pessoas, reforçando o individualismo e, na vida cotidiana, apoiando as práticas que se dirigem para um encapsulamento doméstico [...].

Desta forma, percebemos nos fenômenos de enclausuramento das populações das favelas cariocas, o medo real da violência **associado** a uma espécie de encapsulamento doméstico - que se deve às formas de vida produzidas em série na atualidade das grandes metrópoles, principalmente com o auxílio da mídia.

Neste sentido, destacam-se as práticas do individualismo e intimismo, que geraram o esvaziamento das ruas, fenômeno a partir do qual, no decorrer do século XX, as cidades adquiriram novas configurações e a rua tornou-se muitas

vezes apenas um lugar de passagem, não de vida/ troca de experiências, brincadeiras etc, fato que marca principalmente a infância. Vale notar que a segregação e o isolamento se tornaram um fato corriqueiro, atingindo não apenas os pobres, mas confinando também as classes mais favorecidas em espaços protegidos: os apartamentos, os condomínios, os *shoppings centers*, os carros com vidros fechados etc.

Castro (2001) pontua o quanto o isolamento e desenraizamento pós-modernos acarretam a falta de pertencimento ao mundo. Este fenômeno parece ocorrer com maior intensidade entre as crianças, que foram alijadas de vários espaços de convivência nos quais os adultos ainda podem circular, o que acarreta maior isolamento da coisa pública.

Outro aspecto que a autora associa a esta falta de pertencimento à vida em comum é o processo de individualização crescente, em que se dá uma profunda clivagem entre o sujeito individual, seus desejos, sua identidade, e as referências à subjetividade coletiva. O indivíduo, que se mostra pouco receptivo aos aspectos coletivos da vida, se torna isolado. Castro acrescenta o quanto a cultura do consumo produz um isolamento das crianças, valorizando identificações “individualizadas” e o quanto as condições de inserção destas no mundo não lhes conferem participação legitimada e imediata. Em certa medida “enclausuradas” em suas escolas e lares, são tomadas como futuros participantes da vida comum. Ambos estes aspectos da vida contemporânea colocam-se como obstáculos à presença das crianças na vida social.

A mídia, enfatizando e vendendo de formas diferenciadas o crescimento da violência, as conversas cotidianas - que recaem muito sobre esta temática - e o inegável crescimento da mesma atualiza os medos, assim como acentua a tendência intimista e individualista, que faz as pessoas apostarem cada vez mais no investimento em seus lares.

Ao longo de nossa pesquisa de campo, pudemos localizar também entre as meninas participantes traços destas tendências individualistas contemporâneas, mas percebemos que dividem espaço com as práticas solidárias e o sentido comunitário.